
Net-ativismo: Análise do movimento #MariellePresente¹

Elisa Manuela Ferreira CARDOSO²

Tiago MANIERI³

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

A presente pesquisa investigou a constituição do movimento com ação net-ativista que ocorreu após o assassinato da vereadora Marielle Franco. A hashtag "MariellePresente" chegou ao Trendic Topics mundial do Twitter e manifestações presenciais tomaram as ruas de várias cidades do Brasil. Realizamos a pesquisa no intuito de mapear a conversação em rede e compreender a visibilidade do evento. Esta pesquisa torna-se importante porque visa entender as transformações das interações humanas, por meio do processo comunicacional complexo que ultrapassa os limites do ciberespaço, bem como analisar as maneiras pelas quais a evolução dos meios tecnológicos pode influenciar a formação e propagação dos manifestos net-ativistas. A metodologia utilizada foi a Análise de Redes Sociais (ARS) na perspectiva da conversação em rede.

PALAVRAS-CHAVE: Net-ativismo; comunicação mediada; redes digitais; conversação em rede; caso Marielle Franco.

1. Ciberespaço e comunicação mediada

Marshall McLuhan, em meados dos anos 1960, foi o primeiro teórico da comunicação a idealizar mudanças sociais significativas a partir da eletricidade. Ele enxergou na energia elétrica o potencial de disseminação de informações e o surgimento de uma sociedade conectada, a “aldeia global”, onde a ressignificação das distâncias geográficas, temporais e cognitivas do corpo humano seria inevitável. “Com o advento da tecnologia elétrica, o homem prolongou, ou projetou para fora de si mesmo, um modelo vivo do próprio sistema nervoso central” (MCLUHAN, 1964, p. 61).

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – ESTUDOS INTERDISCIPLINARES (GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão), XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Elisa Manuela Ferreira Cardoso é Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás PPGCOM - UFG - Brasil. Graduada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: elmanu123@outlook.com

³ Orientador do trabalho. Coordenador e professor do Programa de Mestrado em Comunicação na linha de pesquisa em Mídia e Cidadania da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás - FIC/UFG, e-mail: tiagomainieri@gmail.com

Entre os seus aforismos, suas argumentações mais significativas foram sobre “o meio é a mensagem” (MCLUHAN, 1964) e “os meios de comunicação como extensão do homem” (MCLUHAN, 1964). Ao falarmos do conteúdo da informação, Mcluhan (1964) entende que ele não importa, se comparado com o meio, pois “os meios têm o poder de impor seus pressupostos e sua própria adoção aos incautos” (1964, p. 32). Ele defendia que “qualquer invenção ou tecnologia é uma extensão ou auto-amputação de nosso corpo, e essa extensão exige novas relações e equilíbrios entre os demais órgãos e extensões do corpo” (MCLUHAN, 1964, p. 63). Essa premissa se torna muito atual ao analisarmos as nossas relações com os dispositivos móveis. A conexão do corpo humano com esses aparelhos tecnológicos os torna parte de nós mesmos, essa extensão é vista como comum de forma que passa imperceptível por nossa consciência.

As novas tecnologias se tornaram parte real da vida contemporânea. O filósofo canadense não imaginava que esse sistema conectivo e de inovações tecno-comunicativas do século XXI viria a ser a Internet, tal qual conhecemos hoje, mas suas contribuições teóricas são vistas como verdadeiros presságios e nos servem como base para a compreensão dos fenômenos comunicacionais mais recentes, como a cibercultura e o ciberespaço.

Neste sentido, Lévy (2000) corrobora ao criar o termo “cibercultura” como um conjunto de práticas e/ou ações sociais, pensamentos e valores advindos das possibilidades tecnológicas existentes no ciberespaço. Para ele:

Ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da intercomunicação mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores [...] não apenas material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (LÉVY, 2000, p. 17).

A cibercultura “é a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais (...), nem sobre relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns” (LÉVY, 2000, p. 130). Kerchkove (2009), atualizador dos pensamentos de Marshall McLuhan complementa que “a cibercultura é a multiplicação da massa pela velocidade” (p. 155). Ele vai além ao dizer que essa estrutura modifica nossa mente:

Quando uma tecnologia nos dá acesso físico ou mental a um lugar, na Terra ou ao espaço profundo, para além de qualquer limite anterior, as nossas mentes vão atrás. Então nossa psicologia tem que evoluir com essa tecnologia. (...) A informação que aplicamos a esta estrutura interior é parte de um pensamento global e de uma atividade global. Como forma de expressão da mente e quadro

de referência, a globalização é uma das condições psicológicas da cibercultura (KERCHKOVE, 2009, p. 155).

Para compreender as transformações culturais da sociedade moderna ao longo dos anos é imprescindível analisar as influências da mídia (THOMPSON, 2002). Dentro desse contexto a presente pesquisa leva em consideração as redes sociais digitais. Nesse sentido, Recuero (2014) aponta como perspectiva a Comunicação Mediada por Computador (CMC), área de estudo que investiga os processos de comunicação humanos realizados através da mediação das tecnologias digitais, bem como “práticas conversacionais demarcadas pelas trocas entre os atores sociais. Suas características advêm, deste modo, também da apropriação das ferramentas digitais como ambientes conversacionais” (2014. P. 27). A autora traz como uma das formas de CMC, a conversação em rede:

A conversação, no ambiente mediado pelo computador, assim, assume idiosincrasias próprias que são decorrentes da apropriação dos meios para o uso conversacional. Ela é, portanto, menos uma determinação da ferramenta e mais uma prática de uso e construção de significado dos interagentes, sejam essas ferramentas construídas para isso ou não. Falamos em apropriação porque essas ferramentas são construídas pelos agentes como ambientes conversacionais, e a conversação tem como suporte um conjunto de convenções simbólicas que são por elas construídas (RECUERO, 2014, p. 39).

Aqui, voltamos a McLuhan (1964) e sua afirmativa sobre a interferência do meio para o entendimento da mensagem (O meio é a mensagem). A comunicação no ciberespaço proporcionou novas práticas de apropriação e a construção de contextos sociais diferenciados. Thompson (2002) corrobora ao interpretar que o uso dos meios de comunicação digitais altera os tipos de interação dos indivíduos, cria novas formas de ação e de exercício do poder.

A interconexão entre os usuários de redes sociais digitais, como o Twitter⁴, evidenciou os movimentos sociais em rede, baseados na ação coletiva. Para Castells (2017) esses movimentos “surgem da contradição e dos conflitos de sociedades específicas, e expressam as revoltas e os projetos das pessoas resultante de sua experiência multidimensional” (2017, p. 108-109). É por meio do panorama da CMC e da conversação em rede que esta pesquisa se debruça, na tentativa de compreender uma nova arquitetura comunicacional: o net-ativismo.

⁴ É uma rede social e um servidor para microblogging, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos (em textos de até 280 caracteres, conhecidos como "tweets"), por meio do website do serviço, por SMS e por softwares específicos de gerenciamento (WIKIPÉDIA, 2018).

1. Net-ativismo

A partir do surgimento da internet e da expansão dos meios tecnológicos, a comunicação digital modificou o fluxo comunicacional, criou espaços para troca de informação e permitiu o alcance, quase inimaginável, de vozes de novos narradores. De acordo com Lévy (2000), essas novas tecnologias surgiram “como a infra-estrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado de informação e conhecimento (2000, p. 32).

Eles tornaram as relações, antes verticais, cada vez mais horizontais e universalizadas. Conforme contribui Di Felice (2017), estamos vivendo em uma rede distribuída, na qual, as informações “navegam de modo distribuído, horizontal, dialógico e redundante, onde cada nó tem igual proximidade das informações” (2017, p. 136).

Diante desse cenário tecnológico, a Internet possibilitou o surgimento de “uma série de movimentos de ação direta, com práticas sociais e comunicativas específicas, que começou a explicitar, na rede, novas formas de relações e conflitualidade” (DI FELICE, 2017, p. 137). Derivado da ação colaborativa e distribuída, o net-ativismo nasce no ciberespaço e se diferencia de qualquer outro movimento, pois, ultrapassa as barreiras entre a esfera virtual e os espaços territoriais e/ou sociopolíticos. De acordo com Di Felice (2013), essa modalidade de prática social não se limita a apenas um sujeito, mas a vários “actantes”. Essas co-ações resultaram na modificação do ser social e da própria cultura das relações, conforme defende o autor:

O net-ativismo é o conjunto de ações colaborativas que resultam da sinergia de atores de diversas naturezas, pessoas, circuitos informativos, dispositivos, redes sociais digitais, territorialidades informativas, apresenta-se, segundo esta perspectiva, como a constituição de um novo tipo de ecologia (*eko-logos*) não mais opositiva e separatista, na qual uma dimensão ecossistêmica reúne seus diversos membros em um novo tipo de social, não apenas limitado ao âmbito humano dos “*socius*”, mas expandido às demais entidades técnicas, informativas, territoriais, de forma reticular e conectiva (DI FELICE, 2013, p. 273).

O autor se distancia da ideia de homem como centro das ações e se aproxima da perspectiva de atuação de diversos atores não humanos, como as tecnologias subjetivas, a internet das coisas, a comunicação dos objetos e o próprio meio ambiente. Na Internet 2.0, não há mais diferenciação entre os ambientes off-line e online. O net-ativismo nasce nessa ecologia complexa, reticular e conectiva com capacidade de unir entidades de diversas naturezas, sendo resultado da união e da ação mútua destes atores (DI FELICE,

2013). Em suma, Di Felice (2013) compreende a ação net-ativista como “a sinergia dos conjuntos de actantes passa a modificar o desfecho de uma ação através de suas interações na medida em que se conectem e coagem” (2013, p. 276).

Ao conceituar o fenômeno como o resultado da sucessão de ações e interações entre indivíduos, mídias, territórios, biodiversidade e tecnologias da informação, Di Felice (2017) se distancia do modelo tradicional de política e sociedade. Ele problematiza os conceitos de “ação” e “ato” e considera que para compreender a “complexidade conectiva das interações transorgânicas” (2017, p. 266) é imprescindível substituir ação por ato. Neste contexto, o ato é mais adequado para sintetizar a expressão da imprevisibilidade e da dinâmica das conexões produzidas em rede pelos mais diferenciados actantes. Portanto, “a substituição da ação pelo ato nos permite pensar o net-ativismo não apenas como uma ação política, mas como um ato vital do ecossistema social que se exprime e advém através de suas conexões ecossistêmicas” (DI FELICE, 2013, p. 277). Desse modo, o autor propõe o neologismo “ato conectivo” que se refere a capacidade de conexão e adaptação do agir reticular.

A ecologia das redes sociais digitais difundiu experiências participativas, permitindo a conexão entre pessoas e sistemas, acesso à rede e compartilhamento massivo de informações. Pondo em vista essas observações, pressupõe-se que, com a democratização da comunicação, as redes criaram espaços de diálogos e de mobilizações por parte dos cidadãos inseridos em uma sociedade conectiva, com possibilidade de expressar “novas modalidades de interação, associação e mobilização pública, que vão das mobilizações cívicas de protestos às terroristas” (BABO, 2017, p. 83). Possui desenvoltura para reconfigurar e deslegitimar instituições, criando outras identidades e fomentando:

[...] uma série de formas de participação e conflitualidades que começaram a experimentar, em formas de contextos diversos, práticas que, partindo de sites, redes sociais e grupos temáticos on-line, conseguiam não só formar agregações de enormes proporções, mas criar um curto-circuito comunicativo, gerando bando de dados digitais que começavam a difundir informações e a experimentar formas de ativismo sobre temáticas específicas (DI FELICE, 2017, p. 179).

No Brasil não é diferente. Em 2013 o Movimento Passe Livre (MPL) iniciou no Facebook e no Twitter um posicionamento contrário ao aumento do valor do transporte coletivo em São Paulo. Aos poucos, a pauta foi ganhando engajamento nas redes digitais até alcançar todo o país e a mídia de grande circulação. Batizado como Jornadas de Junho,

o movimento com ação net-ativista encheu as ruas do Brasil com pessoas que se organizaram virtualmente e com o decorrer dos acontecimentos e conexões entre os grupos, o próprio evento apresentou novos direcionamentos e novas pautas espontaneamente, como uma “conexão ecossistêmica” (DI FELICE, 2013). Vale salientar que um movimento net-ativista deve ser:

Descentralizado, apartidário, nada afeito à hierarquia, nascido nos ambientes digitais, delineado pelas tecnologias comunicativas e cujas ações se dariam também nas ruas. Ignora a busca pelo poder político, mas aposta em transformações nas formas de ver, estar e se relacionar com o outro e o ambiente (ROZA e MELO, 2017, p. 166).

Nos últimos anos é crescente o número de pessoas que veem nas plataformas digitais, como por exemplo, o *Avaaz*⁵, a oportunidade de expressar suas opiniões e buscam uma solução a partir da participação coletiva. Essa questão nos faz refletir sobre a participação ativa dos cidadãos nas redes digitais e a sua relação com a construção da cidadania e da comunicação pública.

Para a abordagem dessa questão, é necessário compreender como se constitui a condição de cidadania a partir da perspectiva deste novo processo comunicacional, segundo Moraes e Signates (2016):

Os Direitos Humanos, como contextos normativos da cidadania e de seu exercício, apenas se tornam válidos em ambientes sociais nos quais são legitimados, em que os agentes sociais são reconhecidos como cidadãos, e nos quais haja espaço democrático para o debate, a criação e a demanda pública por novos direitos (MORAES e SIGNATES, 2016, p. 25).

Para Signates e Moraes (2016), só existe cidadania se houver comunicação, pois, é através dela que os cidadãos podem participar legítima e ativamente da democracia. Na Comunicação Mediada por Computadores, em especial nas redes sociais digitais, a cidadania ganha um formato mais próximo do que ela pode ser: todos são divulgadores das suas próprias ideias e pensamentos, e estão em busca de seus pares. A internet “é protagonista para uma comunicação democrática, transparente e participativa” (MANIERI e ROMANI, 2016, p. 173).

2. O caso #MariellePresente

Marielle Franco, vereadora do PSOL, foi assassinada aos 38 anos, no dia 14 de março de 2018, no centro do Rio de Janeiro. Ela estava em um veículo com o motorista

⁵ Comunidade de mobilização online que leva a voz da sociedade civil para a política global. Disponível em <https://secure.avaaz.org/page/po/about/>

Anderson Pedro Gomes, de 39 anos. Eles foram atingidos por vários tiros de arma de fogo e faleceram no local. Socióloga formada pela PUC-RIO e mestre em Administração Pública pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Marielle foi a 5ª vereadora mais votada nas eleições de 2016, com 46,5 mil votos. Ela trabalhou em organizações da sociedade civil como a Brasil Foundation e o Centro de Ações Solidárias da Maré (Ceasm). Coordenou a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj), ao lado de Marcelo Freixo (deputado estadual pelo PSOL-RJ)⁶.

A tragédia aconteceu em meio à intervenção militar, movimento que Franco era contra, e exatamente no período que a parlamentar era relatora da comissão do Conselho criado para fiscalizar as operações policiais. A vereadora participava da frente de luta do movimento negro e era autora de denúncias recentes de violência policial contra os moradores de favelas no Rio. As circunstâncias indicavam a suspeita de um crime premeditado e poderia se tratar de uma “queima de arquivo”

Antes que o fato pudesse ser noticiado pela mídia, pessoas comuns usaram o Whatsapp, aplicativo de troca de mensagens instantâneas, para falar do assunto. Quinze horas após o homicídio, a hashtag mais citada no Trend Topic mundial do Twitter era #marielle. A rede digital registrou 289 mil tweets sobre a parlamentar. Entre as principais hashtags utilizadas em referência ao crime, estavam #MariellePresente, #NãoFoiAssalto e #MarielleVive.⁷ A repercussão foi tamanha que diversos veículos de comunicação internacionais como The Guardian (Inglaterra) e o New York Times (Estados Unidos) noticiaram o caso.

No dia 15 de março, as ruas do Brasil foram tomadas por milhares de manifestantes indignados com o genocídio do povo negro e das mulheres, que se organizaram e se estruturaram por meio da conversação em rede. Lemos (2002) contribui ao repensar a função social das tecnologias midiáticas com práticas participativas horizontais: “é a rua que vai dar forma ao novo sistema técnico da cibercultura. Esta é a expressão do uso subversivo da tecnologia e, conseqüentemente, produto de uma atitude ativa em relação aos dispositivos técnicos” (2002, p. 34).

⁶ Informação disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/vereadora-do-psol-marielle-franco-e-morta-a-tiros-no-centro-do-rio.ghtml>

⁷ Informação disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2018/03/15/interna_nacional,944376/marielle-chega-ao-1-lugar-nos-trending-topics-do-twitter-mundial-ne.shtml

Foi com base nessa forma de pensar a sinergia entre sociedade, rede e ação net-ativista que realizamos esta pesquisa com intuito de mapear a conversação no Twitter com o uso da hashtag #MariellePresente e buscar compreender a visibilidade do evento.

3. Metodologia

Tuzzo (2016, p. 134) elenca que a estruturação de pesquisas bibliográficas e de campo devem perpassar por quatro etapas fundamentais: 1) a definição do tipo de pesquisa, 2) os instrumentos de coletas, 3) a definição da amostra e 4) os métodos de análise. Ainda de acordo com a autora, a pesquisa bibliográfica é primordial para a construção da fundamentação teórica. Assim, o pesquisador consegue ficar ciente do que já foi produzido sobre o assunto e buscar “novos olhares, novas abordagens e novas formas de fazer com que as pesquisas da área avancem” (TUZZO, 2016, p. 140).

Na tentativa de mapear e compreender a conversação mediada no Twitter com o uso da hashtag #MariellePresente e a visibilidade do evento, a presente pesquisa se enquadra como qualitativa, pois, avalia as questões subjetivas do problema e possibilita ao pesquisador analisar “o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes” (GODOY, 1995, p. 21).

Por se tratar de uma pesquisa no âmbito do ciberespaço, o instrumento de coleta utilizado foi o software NodeXL⁸ versão 1.0.1.399 que trabalha com a elaboração de mapa de conversação. No caso do Twitter é possível fazer uma busca por hashtag. Para essa pesquisa, a hashtag utilizada foi #MariellePresente. A escolha ocorreu devido a hashtag ter chegado aos Trends Topics mundial após a morte da vereadora, no dia 15 de março de 2018 e continua sendo utilizada por diversos usuários. Foram coletados 834 tweets de 789 atores diferentes, através do filtro “tweets publicados nos dias 15 e 16 de março de 2018”. O período foi definido tendo como critério a ocorrência recente do acontecimento, ou seja, os dois dias subsequentes ao fato. Tem-se presente que a amostra foi reduzida se comparada com o seu verdadeiro engajamento das redes. Todavia, essa limitação não compromete a análise qualitativa desses dados⁹.

O método de análise foi a Análise de Redes Sociais (ARS) a partir do ângulo da conversação em rede, mais especificamente, no Twitter. Essa perspectiva “concentra-se no desenho da estrutura desses rastros e no cálculo de diversas variáveis quantificáveis da

⁸ <http://nodexl.codeplex.com/>.

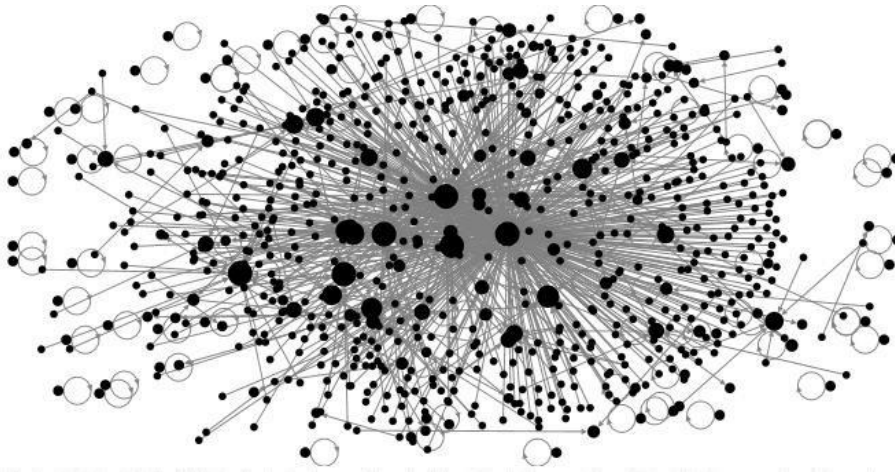
⁹ A versão básica usada nesta pesquisa foi a gratuita, que possibilita a busca de apenas dois mil tweets

rede” (RECUERO, 2014, p. 175). Recuero (2014, p. 175) determina três métricas para análise dentro do grau de centralidade de um grafo de mapeamento de rede: 1) o **grau de conexão**: é a quantidade de nós de uma determinada conexão. Se divide em *indegree*, quantidade de conexões estabelecidas e *outdegree*, quantidade de conexões enviadas; 2) **grau de intermediação**: refere-se à posição do nó na rede (*betweenness*). Quanto maior o nó, maior a conexão com outros grupos; e, 3) **grau de proximidade**: quão próximo um nó está do outro (*closeness*). Esses elementos foram relevantes para a análise do mapa de conversação coletado pelo NodeXL, contextualizado pela hashtag #MariellePresente.

4. Apresentação e discussão dos dados

Para mapear as conversações do nosso objeto, fizemos uma busca pela hashtag #mariellepresente com o NodeXL no Twitter. O filtro utilizado foi “tweets publicados nos dias 15 e 16 de março de 2018”. Coletamos 834 tweets com menção à hashtag e 789 nós. Iniciamos a análise pelo grau de conexão e ao mapearmos o *indegree*, “quantidade de menções e replies, que indicam respostas de outros usuários a si” (RECUERO, 2014, p. 188), obtivemos o seguinte mapa:

Figura 1 – Mapa *Indegree*

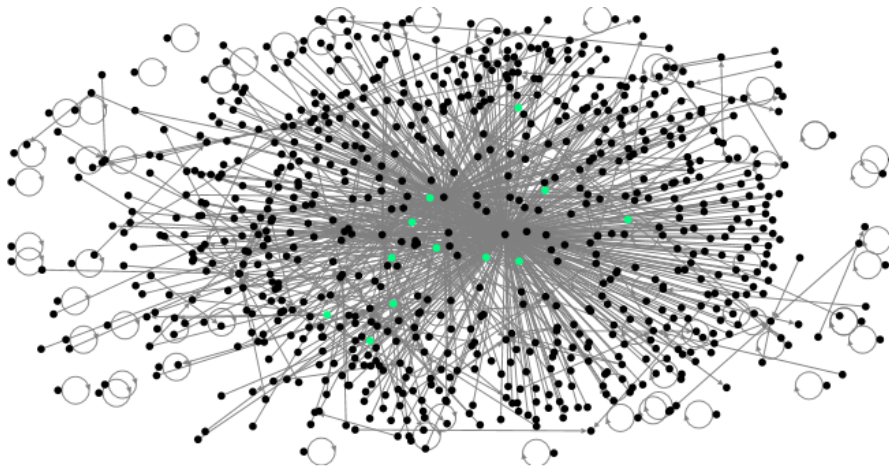


Fonte: NodeXL

Observa-se 11 nós que são mais citados que os outros (quanto maior o desenho do nó expresso no grafo, maior o engajamento na conversação). Ao centro do grafo temos o nó @ivanvalente que mais recebeu citações, ou seja, um dos deputados federais do PSOL-SP, mesmo partido da Marielle Franco. Ele possui mais de 86 mil seguidores no Twitter e recebeu 299 menções, o que é considerado por Recuero (2014) como fator de influência no mapa pela popularidade e/ou reputação. Em segundo lugar temos @blogfeministas, perfil oficial do site Blogueiras Feministas, com mais de 47 mil seguidores e 144 menções. Seguidos de @cartacapital, @oglobo e @globo_rio, com 46, 38 e 18 menções, respectivamente. Estes últimos se tratam de perfis oficiais de veículos de comunicação, que expressão sua indignação em relação ao assassinato de Franco.

Já em relação ao *outdegree*, segundo fator de análise do grau de conexão, observamos o mapa com pontos menores:

Figura 2 – Mapa *Outdegree*

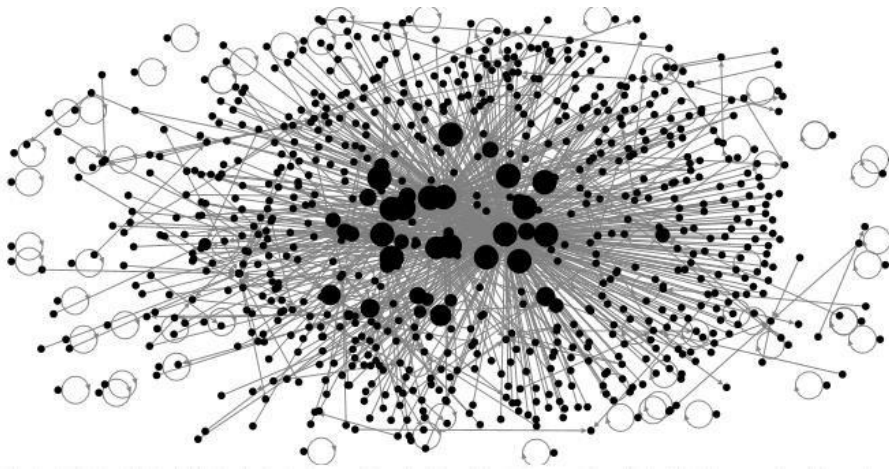


Fonte: NodeXL

Os pontos verdes no grafo representam o *outdegree*. Aqui, os tamanhos dos nós (12) não são tão expressivos se comparados com o anterior. Para Recuero (2014), quanto maior o desenho do nó, maior sua representação no mapa. Os atores apresentados aqui nem sempre são os mesmos do *indegree*, como por exemplo @lavajatonews, perfil independente de informações gerais sobre a operação Lava Jato e outras denúncias de corrupção. Todos os outros 11 nós são de pessoas comuns, que vivem no anonimato. Com essa característica voltamos ao net-ativismo que se trata de “movimentos anônimos, que recusam a hierarquização (...) A questão central que se coloca é: como podemos colaborar para resolver o problema?” (LEMOS e DI FELICE, 2014, p. 39). Esse tipo de ator-rede não possui tantas citações, mas eles fazem parte do dinamismo da rede, “cuja visibilidade decorre de outros nós, que os citam enquanto desenvolvem posicionamentos, críticas e observações a respeito do contexto” (RECUERO, 2014, p. 192). Ou seja, esses nós auxiliam na “manutenção e criação de contextos da conversação em rede” (2014, p. 192).

Quanto ao grau de intermediação ou *betwensness* chegamos ao seguinte mapa:

Figura 3 – Mapa *Betwenss*

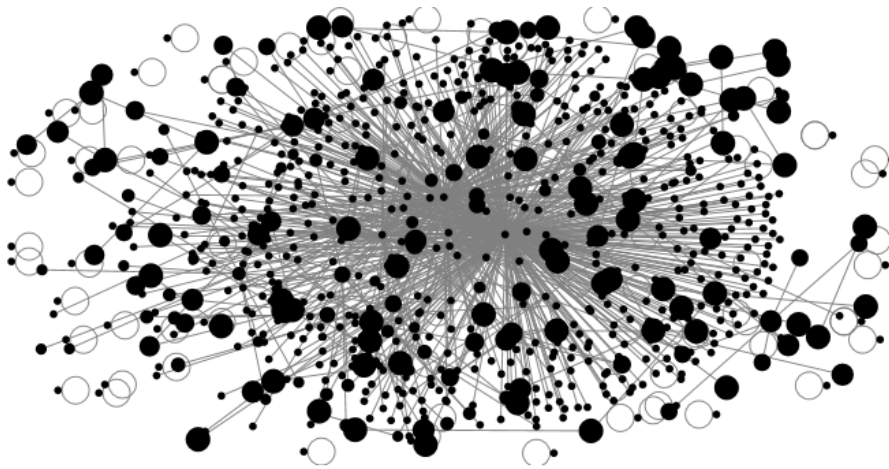


Fonte: NodeXL

O grau *betwenss* ou grau de intermediação indica os nós (14) que mais conectam outros grupos diferentes do seu posicionamento na rede, mesmo que eles não sejam os participantes mais ativos da conversação. Recuero (2014) pontua que “sem esses atores e sua participação, que inclui diferentes grupos na conversação, boa parte da conversa tornar-se-ia inviável para os demais” (2014, p. 185). Assim, esses nós são responsáveis pela mediação da comunicação entre os atores, “por exemplo, um nó com um grande valor de intermediação pode conectar grupos que estão mais distantes entre si, mas pode ter uma proximidade muito grande dos outros nós” (p. 193). Di Felice (2017) nos lembra que em uma ecologia comunicativa da colaboração todos os atores do processo comunicativo contribuem para a construção do ambiente interativo, de maneira a substituir o conceito tradicional emissor – receptor para uma infinidade de interações entre usuários, redes, dados e dispositivos de conexão.

Por fim, chegamos a análise do grau de proximidade ou *closeness*:

Figura 4 – Mapa *Closeness*



Fonte: NodeXL

Recuero (2014, p. 186) define essa métrica como instrumento de observação de nós que possuem menor participação, mas são imprescindíveis para a propagação da conversação. Aqui identificamos atores como @jeanwyllys_real, deputado federal filiado ao PSOL-RJ e @homofobiano, perfil contra a homofobia. O perfil da própria Marielle Franco @mariellefranco, que segue atualizado por uma equipe de assessoramento. Além de perfis de veículos de comunicação já citados como @oglobo, @globonews e @cartacapital. Dos 789 nós, 75 representam, no mesmo grau de importância, a proximidade desta conversação.

Esses dados nos mostram a potencialidade da conversação em rede na difusão das práticas comunicativas e informativas da contemporaneidade. Se trata de uma “complexidade maior, marcada por uma dimensão informativa que antecede as interações agregadoras e que estabelece uma particular dimensão conectiva capaz de alterar as próprias substâncias dos membros da rede” (DI FELICE, 2017, p. 196). Precisamos pensar em uma dimensão comunicativa para além da simples troca de informações.

5. Considerações finais

A sociedade do século XXI vive um momento histórico de grandes transformações, com o advento da internet a população descobriu uma nova forma de obter informação - com mais agilidade e rapidez. Tornou-se parte do cotidiano a troca de conteúdos em tempo real, o uso de *smartphones*, *tablets* e *wearables*, a conexão banda

larga ilimitada e o Big Data. Estar conectado 24 horas por dia metamorfoseou a vida social do ser humano, modificou nosso "*modus operandi*" e causou também uma série de transformações nas interações humanas.

As redes sociais digitais possibilitaram o surgimento de uma nova arquitetura informacional, um tipo particular de ato que conecta indivíduos em dispositivos, banco de dados e territorialidades. O caso #MariellePresente é um exemplo de movimento de reivindicação que nasceu na web e chegou aos espaços físicos. Os resultados que obtivemos mostraram que a conversação em rede reúne diferentes actantes com papéis diferentes. Alguns participam mais, outros menos. Alguns possuem milhares de seguidores no Twitter e outros não chegam a uma centena. Mas todos atuam em sinergia, de modo colaborativo, democrático e horizontal.

A hashtag, o objeto de estudo desta proposta, simboliza a emergência de um novo tipo de ação que só existe em decorrência do diálogo e interações permitidos pela dinamicidade das redes digitais da internet 2.0. O conteúdo dos tweets possuem força para conectar atores de diversas cidades e até países. É importante salientar que até a conclusão desta pesquisa as investigações policiais não avançaram na descoberta dos reais culpados do assassinato de Marielle e Anderson. Todavia, o movimento não tem como obrigação chegar a um resultado concreto para ser considerado como ação net-ativista. Sua condição está firmada na imprevisibilidade e incerteza. As próprias interações determinam os caminhos a percorrer.

REFERÊNCIAS

BABO, Isabel. Redes e ativismo. In: DI FELICE, M.; PEREIRA, E.; ROZA, E. (orgs). **Net-ativismo: redes digitais e novas práticas de participação**. Campinas: Papirus, 2017. p. 77-88.

BORGES JÚNIOR, Eli. Sobre a ação nas redes digitais: da "ação transitiva" ao "ato conectivo". In: DI FELICE, M.; PEREIRA, E.; ROZA, E. (orgs). **Net-ativismo: redes digitais e novas práticas de participação**. Campinas: Papirus, 2017. p. 115-136.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CÓRDOVA, Fernanda Peixoto; SILVEIRA, Denise Tolfo. A pesquisa científica. In: ENGEL, Tatiana; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em 03. Jul. 2018.

DI FELICE, M. Net-ativismo e ecologia da ação em contextos reticulares. In: **Contemporânea:**

Revista de Comunicação e Cultura (on-line). Salvador, v. 11, n. 02, p. 267-283, 2013. Disponível em <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/viewFile/8235/6497>. Acesso em 03. Jul. 2018.

DI FELICE, M. **Net-ativismo**: da ação social para o ato conectivo. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2017.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa**: tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas. EAESP/FGV, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3>. Acesso em 03. Jul. 2018.

KERCKHOVE, Derrick de. **A pele da cultura**. 1. ed. São Paulo: Anablume, 2009.

LEMOS, A. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina. 2002.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

MANIERI, Thiago; ROMANI, Douglas. Comunicação, internet e contra-hegemonia: o interesse público na sociedade midiaticizada. In: MORAES, A; SIGNATES, L.. (Org.). **Cidadania Comunicacional**: teoria, epistemologia e pesquisa. Goiânia: Gráfica UFG, 2016

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1964.

MORAES, A; SIGNATES, L.. (Org.). **Cidadania Comunicacional**: teoria, epistemologia e pesquisa. Goiânia: Gráfica UFG, 2016.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**: comunicação mediada por computadores e redes sociais na internet. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

ROZA, Erick; MELO, Raquel. A experiência net-ativista das vadias no Brasil. In: DI FELICE, M.; PEREIRA, E.; ROZA, E. (orgs). **Net-ativismo: redes digitais e novas práticas de participação**. Campinas: Papyrus, 2017. p. 151-168.

THOMPSON, John. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

TUZZO, Simone. **Os sentidos do impresso**. Goiânia: Gráfica UFG, 2016.

WIKIPÉDIA. **Twitter**. 2018. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter> Acesso em 07. Jul. 2018.